

QUINQUAGESIMO ANNIVERSARIO

DA

FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHEOLOGOS PORTUGUÊSES

22 de Novembro

1863-1913

representação da Associação de...
de conceder a...
O sr. Nogueira de...
França a correspondência...
que tem conseguido outras...
Pescaria de...
que seja

QUINQUAGESIMO ANIVERSARIO
O...
Fundação da Associação
de...
de...
de...

ARCHEOLOGOS PORTUGUESES
de Novembro
de...

1863-1913

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO



Joaquim Espiridão de Navegoda Silva

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUÊSES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietária e editora a Associação

Commissão redactora : — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias

BIBLIOTHECA
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS
do I.º do Historico do

703

A responsabilidade dos escriptos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam elas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as formas, o amor da archeologia e da arte.»

Joaquim Possidonio Narciso da Silva

Se por outros serviços relevantes e qualidades egregias o illustre fundador da Associação dos Archeólogos Portuguezes não merecesse que o seu nome fosse, em qualquer epoca, rememorado com gratidão e affecto, bastaria o haver sido ele quem, á custa de tenazes esforços e de infatigavel dedicação pela causa da archeologia nacional, lançou as bases daquela sociedade, para que a memoria de Joaquim Possidonio Narciso da Silva nos devesse ser particularmente querida.

Justo é, pois, que, ao festejar-se o meio seculo de existencia desta agremiação, nós, os que nos congregamos para lhe continuarmos a obra, prestemos a esse verdadeiro e autentico benemerito a homenagem da nossa saudade e do nosso reconhecimento.

Em nenhum paiz, mais e melhor do que em Portugal, se justificaria a criação duma sociedade como a dos Archeólogos, que se interessasse pelas riquezas artisticas que nos legaram as edades aureas e que procurasse conserva-las com amor, respeita-las com devoção, votar-lhes adoração e culto, resguarda-las, tanto quanto possivel, com afan e carinho, dos atentados ferozes daque-

les que, padecendo da fobia das tradições, professam a iconoclastia dos monumentos seculares, por muito que eles atestem o brilho e a grandeza das épocas idas ou enalteçam e documentem feitos gloriosos da historia patria.

Isto compreendeu lucidamente o fundador e antigo e dedicadissimo presidente da nossa sociedade quando, ha cincoenta anos, firmou o alicerce e traçou o plano da Associação dos Archeólogos Portuguezes.

Se todos nós o devemos, nesta data, recordar com piedoso e comovido agradecimento, a ninguem mais do que ao obscuro signatario destas linhas se impunha a obrigação de o não esquecer — como o não esquecem quantos com ele comungam nas mesmas predilecções artisticas e nas mesmas aspirações patrioticas — já que veio a caber-lhe a imerecida distincção de ocupar nesta sociedade um lugar que sente não poder ilustrar e honrar como o honrou e illustrou o seu inolvidavel e venerando predecessor.

ALFREDO DA CUNHA.



A ARCHEOLOGIA

Negar a importancia da Archeologia é negar a importancia da Historia.

Descobrindo, comparando e interpretando os vestigios materiaes do passado; permittindo nos aferir pelo depoimento mudo, mas irrecusavel e insuspeito, dos monumentos, o testemunho, bastas vezes parcial e apaixonado, dos escriptores; auxiliando efficazmente o processo critico do encadeamento dos factos e, portanto, a determinação da continuidade historica, mercê do poder de illuminar periodos remotos e mysteriosos, não attingidos pelos documentos escriptos nem pelas tradições oraes; reconstituindo civilizações extinctas; arrancando ás camadas geologicas o

segredo da vida da humanidade para além dos tempos históricos ou lendários; desvendando o *lado íntimo* do passado, tão cheio de interesse e de côr — a Archeologia, fructo dessa gloriosa renovação moral e intellectual que foi a Renascença, tem exercido, no campo da Historia, uma acção das mais intensas e beneficás.

Merece, pois, incondicionalmente, o respeito, a gratidão e o apoio moral e material de quantos presam o bom nome da nossa terra a **Associação dos Archeologos Portuguezes**, que neste momento celebra, cheia de legitimo desvanecimento, o 50.º anniversario da sua fundação, devida á iniciativa de um verdadeiro benemerito: — Possidonio da Silva.

Novembro de 1913.

D. JOSÉ PESSANHA.

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUESES

No seu 50.º anniversario

Acedendo ao convite, com que se dignaram de honrar-me para colaborar na publicação comemorativa do 50.º anniversario da fundação desta colectividade, sinto que nem a minha avançada idade, nem a minha saude cada vez mais abalada, me deixam á vontade para cumprir o que tão delicadamente me ordenam. Eu seria talvez hoje, de entre os nossos estimaveis consocios, um dos mais antigos e de certo dos mais humildes sobreviventes, porque a lista dos fundadores, já riscados, infelizmente, da lista desses cooperadores illustres e benemeritos, é grande e sobre ela ainda desabrocham vivas as nossas saudades e não estão enxutos os nossos olhos, taes a amisade e a honrada camaradagem em que

vivíamos com alguns deles, tendo no meu angustiado coração lugar primacial o nobre presidente e benemerito architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Já passou meio seculo. Para mim é como se fôra hontem. Tão claras são as recordações dessa época em que eu contava apenas trinta ânos de idade com algumas crenças e illusões que se tem apagado e desvanecido pouco a pouco. Os dias seguidos que estive ao lado desse venerando ancião ouvindo-o na sua conversação apreciada e instructiva, seguindo-o nos seus vôos em beneficio da grande arte, a que ele prestava culto com entusiasmo e fé no resurgimento da nação, não foram nem serão esquecidos. Vieramos ambos de uma assembléa numerosa, em que estavam representadas muitas associações operarias auxiliadas pelo centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, que tantos e tão bons serviços prestára a essas classes, tendo á sua frente um evangelizador animado das melhores intenções, o bemquisto Francisco Vieira da Silva; e dali, por iniciativa de Possidonio da Silva, saíram duas agremiações notaveis, qual delas mais patriótica e de resultados mais uteis, que haviam de tecer e entrelaçar para todo o sempre cordas de virentes louros na frente prestigiosa desse cidadão, que viu engrandecer dia a dia a sua brilhantissima folha de bons serviços; e que, ao sair das aulas e dos seus estudos artisticos nas escolas estrangeiras, só pensou em trabalhar para exaltar a sua profissão e legar-lhe monumentos perduraveis e bem fadados como foram, e são, com jubilo o podemos citar, a Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes e o Albergue dos Invalidos do Trabalho.

Foram duas instituições criadas no decorrer do ano de 1863, ambas dignas de apreço, de aplauso e de premio, porque nelas se insuflou com intimo affecto o intenso amor do illustre e benemerito fundador á sua profissão, ás boas artes e á patria. Naquella magna reunião de delegados das associações operarias, Possidonio da Silva não entrava em caminho que não tivesse explorado com exito. Não. Anos antes, proseguindo nos seus estudos em que não arrefecera, nem se perturbára, lançára no gremio literario, para cuja fundação contribuíra com bom animo, as bases de conferencias artisticas, que depois iniciou nesta nossa associação e lhe serviram para a impressão de um interessante livro, que

obteve o louvor e o aplauso do nosso erudito consocio, Inacio de Vilhena Barbosa, cuja perda tão sensível foi para todos nós e em cuja honrosa camaradagem estive alguns anos no *Archivo pitoresco*.

Eu fui um dos seus discipulos e ouvintes em tão elucidativas preleções ou conferencias. O Albergue dos invalidos do trabalho, padrão gloriosissimo para a memoria de Possidonio da Silva, pelo modo como tem sido administrado, atraíu desde logo as atenções gerais, especialmente dos filantropos, de todas as pessoas que se interessam no bem, tem progredido constantemente e tem visto aumentar o seu patrimonio, já avultado, sem receber então nem hoje nenhum subsidio dos cofres do estado, provando-se com a sua existencia limpa e desafogada que a caridade não tem balisas entre nós e sabe exercitar-se nos institutos que conquistam com justiça a proteção publica. A prosperidade do Albergue pode registrar-se com ufania, porque é gloriosa para os que tão honradamente o tem gerido.

O desenvolvimento e a consolidação da nossa Associação dos Archeologos tem obedecido a outras circumstancias, independentes da boa vontade dos seus corpos dirigentes, e nem sempre pode alhear-se dos favores do estado, porque ás vezes depende de providencias que só o estado pode conceder; por isso surgem dificuldades que é necessario vencer e não tem faltado esforços, nem dedicações, para o conseguir. Na sua existencia conta por sem duvida serviços relevantes á archeologia, muitos divulgados nos seus «Boletins», cuja colecção é já preciosa pelos documentos de valor que encerra. Conhecendo as dificuldades com que tem lutado na sua longa existencia, adquire-se a convicção de que tem progredido e que existe nela forte e poderosa contribuição para o progresso dos estudos tão atrahentes da arte em geral e da archeologia em particular, com o concurso valiosissimo de prestimosos consocios que saberão aumentar a sua justa fama, enriquecendo-a com seus uteis labores e com os seus valiosos donativos.

Estas breves linhas são como humilima contribuição para a solenidade comemorativa e como uma expressão da minha sincerissima gratidão a um antigo companheiro nas lutas sociais e bom amigo, Joaquim Possidonio Narciso da Silva; e que fica também

aqui como preito de merecida e justa homenagem a seu filho e herdeiro, Ernesto da Silva, trabalhador estudioso e benemerito, nosso estimavel consocio, que tem sabido honrar e glorificar o bom e illustre nome de seu pai, o fundador desta patriotica associacão.

Lisboa (Belem), 14-x-913.

BRITO ARANHA.

BIOTHECA

DA

OS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

io Historico do Carmo

POSSIDONIO

(1806 - 1896)

Os relevantes meritos do fundador da nossa Associação obtiveram-lhe as mais honrosas e justas referencias em obras diversas. Citaremos, entre estas, o *Portugal Antigo e Moderno* e o *Portugal*, este ainda em publicacão.

O primeiro, a pag. 265 do vol. iv, artigo *Lisboa*, e tratando do Convento do Carmo, consagra-lhe as seguintes linhas:

«O sr. J. Possidonio Narciso da Silva, esclarecido archeologo e solícito investigador de monumentos nacionaes e presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, conseguiu que o governo lhe concedesse a igreja do Carmo, para ali fundar um *museu archeologico*, e tem empregado todo o seu zêlo, boa vontade e aptidão para levar a cabo o seu patriotico e louvavel intento. Já aqui se admiram objectos de grande valor historico, geologico e archeologico, e é de esperar da sua dedicacão e da dos seus consocios, que dentro em poucos annos este museu atinja um desenvolvimento e prosperidade dignos dos cavalheiros benemeritos que o fundaram.»

O *Portugal*, em artigo subordinado ao appellido *Silva*, publicou a biographia de Possidonio, não muito desenvolvida, mas extremamente interessante pelas informações que fornece.

N'ella se lê que foi discípulo de Sequeira e Sendim; que estudou em Paris e Roma; que, no Carmo, fez conferencias, sempre muito concorridas, sobre architectura e archeologia e estabeleceu um curso d'archeologia, que «regeu com a sua mais reconhecida competencia»; que no *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio, foram, nos vol. iv e xii, registadas as obras, que escreveu sobre a sua especialidade; que em 28 de março de 1897 se realisou no referido edificio uma sessão solemne em sua honra, proferindo o sr. Visconde de Castilho o respectivo *Elogio Historico*, impresso depois em luxuosa edição; que foi tambem da sua iniciativa a fundação do Albergue dos Invalidos do Trabalho, instituição (hoje muito prospera) consagrado á memoria de D. Pedro vi. Etc.

Referindo-se á fundação da nossa Associação, diz o *Portugal*:

«O fundador era infatigavel, e ao seu vigoroso auxilio se deve o desenvolvimento e engrandecimento d'esse museu, concorrendo muito para salvar da ruína, da perda e do esquecimento muitas preciosidades.»

E, um pouco abaixo:

«Joaquim Possidonio da Silva foi sem duvida um dos homens de sciencia de mais valor em Portugal, um d'aquelles que durante a sua carreira sempre procurou honrar, pelo estudo e pelo trabalho, a sciencia e a patria.»

*

No *Boletim* da Associação tambem tem sido inseridos bellos artigos de homenagem. Nos n.ºs 6 e 7 de 1896 lê-se um excellente esborço biographico, por Gabriel Pereira, do qual transcrevemos o seguinte trecho que retrata fidelissimamente a entidade moral de Possidonio:

«A educação superior, o lidar quotidiano com pessoas da mais alta qualidade e o bello fundo de qualidades innatas, a intelligencia, a natural bondade, o bom senso davam ao sr. Possidonio da Silva uma feição superior, uma affabilidade e cortezia que nunca fraquejavam ou na conversa simples, ou na sua frequente correspondencia epistolar, ou na direcção de uma assembleia.»

No n.º 8 de 1897 publicou-se, transcripta da folha eborense *A Academia*, outra biographia, pelo illustre engenheiro o sr. Camara Manuel.

Um dos seus periodos :

«Entre os propugnadores dos monumentos nacionaes, entre os cultores da Archeologia patria deixou uma lacuna, uma vaga, difficil se não impossivel de preencher.»

Por occasião do obito de Possidonio, a imprensa prestou-lhe condigna homenagem.

Podiamos fazer algumas transcripções, mas obsta ao nosso intento a falta d'espaco para tal.

Vão lêr-se apenas algumas linhas do extenso artigo, que lhe dedicou um dos mais antigos jornaes do paiz, o *Diario de Noticias*, do qual é actualmente co-proprietario e redactor o nosso illustrado presidente.

São as que seguem, extrahidas do n.º 10:873, de 26 de março de 1896 :

«Era um trabalhador e um benemerito.....»

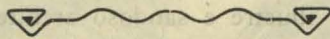
Pelo seu animo investigador e pelo seu amor ao estudo procedeu no intervallo dos seus trabalhos a varias excavações importantes, e d'ahi veio a patriotica idéa da fundação da Associação dos Architectos Civis e Archeologos, que realisou com esplendor, conseguindo colligir nas venerandas ruinas do Carmo muitos especimens valiosos d'archeologia.»



Convém, finalmente, lembrar que entre as manifestações d'apreço, dispensadas a Possidonio da Silva, se conta a da Câmara Municipal de Lisboa, que mandou dar o seu nome a uma das ruas da cidade.

A todas as distincções tem jús incontestavel a memoria imperecivel do dedicado fundador da nossa Associação.

C. B.



22 de Novembro de 1913

Esta data, quinquagesimo anniversario da existencia da Associação dos Archeologos Portuguezes, dia de festa, traz-nos á memoria nomes gloriosos de homens já extinctos, que a edificaram e altamente a illustraram, como Possidonio da Silva.

Entre os ultimos que perdemos e não menos a fizeram luzir, contam-se Adolfo Loureiro, Gabriel Pereira e Sousa Viterbo, que deixaram saudades, como sabedores e como verdadeiros amigos da Associação.

Essas dedicações fazem saudades, que augmentam mais ainda n'estes dias de festa.

JOSÉ QUEIROZ.

Nas bodas de ouro

Está em festa a «Associação dos Archeologos Portuguezes» (Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes), por haver decorrido meio seculo depois que foi fundada, e em festa se devem considerar todos os membros de tão prestimosa collectividade, cuja manutenção é homenagem ao seu benemerito iniciador, o illustre e saudoso architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Trata-se da apotheose ao seu trabalho, da glorificação dos seus patrioticos quanto valiosos esforços; e um tal acto não pode deixar de regosijar intimamente os continuadores da sua obra bem amada.

Se eu pretendesse descrever o que n'este momento me vae na alma ao relembrar o nome venerando do egregio fundador da «Associação dos Archeologos Portuguezes», ver me-hia constrangido não só em virtude de não me ser licito abusar do espaço que me é concedido n'esta publicação commemorativa, como tambem por ter de pôr á prova a minha insuficiencia, que se tornaria manifesta, pois não conseguiria achar as côres proprias para pintar o verdadeiro entusiasmo que nutro pelo quinquagesimo anniversario da agremiação que aquelle saudoso morto creou e á qual muito me honro de pertencer.

Limitar-me-hei, portanto, ao minimo, ou seja a recordar *in mente* os transees difficeis por que tem passado a Associação para conseguir arrecadar no seu museu uma grande parte das dispersas reliquias de um passado de grandezas e de heroismos enternededores; e para salvar tanto quanto possivel, das garras dos vandalos de uma pretendida civilisação as antiquilhas de epochas remotas, que sem a sua iniciativa e perseverança ficariam perdidas por esse paiz fóra.

Esses transees difficeis todos conhecem. Que todos, pois, não hesitem um só momento em cooperar na obra benemerita e so-



bremaneira patriótica da nossa agremiação, honrando d'esse modo a memoria querida do seu iniciador.

Eis os votos que formulo por occasião das suas *bodas de oiro*.

Lisboa, 22 de novembro de 1913.

SÁ VILLELA.

DIVAGANDO...

Como é empolgante a emoção que sentimos percorrendo o historico edificio do Carmo!

Como nos impressionam as imponentes ogivas e a bella silharia das suas venerandas ruinas, e bem assim os braços, os sarcofagos, as ceramicas, os mosaicos, a estatuaria, tudo o que constitue o importante museu disperso pelo seu recinto!

E' empolgante a emoção, mas humana, natural, de facil previsão, visto que, ao espelhar-se-nos na retina o vetusto monumento, logo ao nosso espirito, sempre avido de sensações, occorrem factos e personagens memoraveis, cuja evocação o faz vibrar intensamente.

Perpassam-nos em primeiro logar pela mente o renhido prelio de Aljubarrota e o nome de Nuno Alvares, o «fero Nuno» dos *Lusiadas*, valente até á temeridade, por vezes indisciplinado, fazendo-nos lembrar, por associação de idéas, de um Joane Mendes em tempos de Affonso VI e de um Gomes Freire nos de Maria I, algo similares.

Transpomos o formoso portico da frontaria, sem duvida um dos melhores exemplares dos porticos formados por arcadas embocetadas decrescentes, e á esquerda, no local em que se nos

dépara o desgraçado aposento do porteiro, parece-nos ver o grandioso mausoleu do conde de Abrantes, D. Miguel d'Almeida, um dos heroicos revolucionarios de 1640.

Subimos ao cruzeiro e imaginamos examinar a sepultura do grande poeta que se chamou Antonio Ferreira, bem conhecido na historia da litteratura patria.

Entramos á capella-mór, agora a sala principal do museu, á qual criteriosamente se deu o nome de Nuno Alvares Pereira, e de novo nos occorre á mente o nome do prestigioso fundador do Carmo e o sumptuoso sarcofago que conteve os seus restos mortaes.

Mas cortemos os vãos á fantasia, que nos levaria longe, muito longe, visto que cada uma das muitas preciosidades archeologicas disseminadas pelo edificio ainda contribue para requintar a nossa sensibilidade.

Sustemos as divagações e percorramos apenas a galeria dos retratos.

Fitemos o de Possidonio, o benemerito, e preiteemos a sua memoria com a bem sentida homenagem da nossa admiração. Tudo merece o dedicado fundador da Associação, a que temos a honra de pertencer e que hoje modestamente festeja a sua semi-secular instalação.

E terminamos, repetindo: Como é empolgante a emoção que sentimos percorrendo o historico edificio do Carmo!

M. J. CUNHA BRANDÃO.

Digna commemoração

Felicitando a digna direcção da Associação dos Archeologos Portugêses pelo seu nobilissimo procedimento de celebrar o 50.º anniversario da fundação de tão patriótica agremiação, e, aceitando o penhorante convite para me associar a uma consagração tão digna e tão merecida, venho, com a alma a trasbordar de alegria, por ver que ainda n'este paiz ha homens que teem amor sincero por tudo quanto revela a gloria do passado.

E esse passado, tão illustre por acções tão nobres, deve orgulhar todos os portuguezes.

Aceitemos o conselho de Plutarcho: — «A memoria dos acontecimentos passados fornece exemplos para, no futuro, se proceder sabiamente.»

Recordemo-nos, pois, do passado, e, abrindo o thesouro que nos legou Camões, tiremos d'elle algumas joias que, como a luz do sol, se espalham pelo universo, e, visto ser de festa que se trata, cantemos:

As armas e os varões assinalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana:
Que em perigos e guerras esforçados,
Mais do que permitia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
D'Africa, e d'Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

.....

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno;
Ouvi; vereis o nome engrandecido
Daquelles, de quem sois senhor superno :
E julgareis, qual é mais excelente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas,
Fantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas;
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Por estes vos darei um *Nuno fero*,
Que fez ao rei, e ao reino tal serviço :

.....

Para a presente commemoração nada pôde servir melhor do que a chronica de Fernão Lopes, onde se encontram narradas tantas e tão brilhantes acções do *Nuno fero*, uma das quaes se refere ao historico monumento, dentro de cujos limites celebramos o glorioso anniversario :

CAPITULO CXXXVIII

.....

«Os da villa acolheram-se todos ao castello; el-rei mandou fazer uma cava e elles atulharam-n'a; des ahi vendo que se não podiam defender, havendo já dezoito dias que a villa fôra entrada, a um domingo primeiro de novembro o alcaide se preitejou, que se el-rei de Castella não accorresse até trinta dias que leixasse o castello, e poz em arrefens por segurança desto um seu filho, que chamavam Vasco Gil.

.....

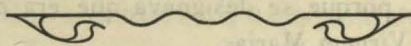


O accorro não veio, como elle cuidou, e entregou-se o castello, e o conde (*Nuno fero*) poz em salvo Gil Vasco, com todos os seus que com elle eram, como no trauto fôra conteudo.

E deu el-rei o castello a Martim Affonso, e partiu d'alli e veiu-se a Lisboa pera fazer côrtes, e o conde (*Nuno fero*) foi ao campo onde fôra a batalha (de Aljubarrota) e mandou hi edificar uma egreja á honra de Santa Maria e de São Jorge, em aquelle logar onde estivera a sua bandeira o dia d'aquella victoria; des ahi mandou fazer o mosteiro de *Santa Maria do Carmo dentro na cidade de Lisboa.*»

Praia de Espinho, 17 de Outubro de 1913.

JOSÉ PINTO DA SILVA VENTURA.



EX-LIBRIS, SUPER-LIBRIS E SUPER-LIBROS

Do que tenho ouvido á várias pessoas que coligem ou usam *ex-libris* concluo que elas não sabem o que significa tal expressão, e contudo seria facil sabê-lo.

Começarei por declarar que ha *ex libris*, sem traço de união, e *ex-libris*, com traço.

Quando numa folha de um livro se lê *ex libris illius*, isto quer dizer que o livro de que se trata «provém dos livros, ou da livraria de fuão»; *ex libris* vale o mesmo que *ex bibliotheca* ou *bibliotheca*. Tambem podia dizer-se *e libris*.

Como porém a posse nem sempre se indica apenas por *ex libris illius*, mas frequentemente se adicionam a essa frase divisas e ornatos no proprio livro ou num papel colado nele, e como na linguagem corrente, ora por necessidade ou por economia de tempo, ora por motivos psicologicos, abreviamos a cada passo a nossa elocução, e substituímos umas palavras por outras, aconteceu que *ex-libris* veio a significar só por si «o modo pelo qual o dono de um livro indica que esse livro lhe pertence»: neste caso as pri-

meiras palavras da frase representam toda a frase; analogamente se representa com *ave Maria* a oração religiosa que começa assim. Temos aqui um exemplo (*pars pro toto*) do que os retóricos denominam «sinédoque».

Transformada, segundo se vê, a expressão *ex-libris* em mero vocabulo, nada mais natural do que indicar materialmente por um traço a união dos elementos constitutivos d'ele, — do que resultou *ex-libris*. De modo paralelo escrevemos *ave-Maria*, e, com maior síntese, como se lê no *Dicionario* de Moraes, *avemaria*.

Se agora alguém adoptar, o que é frequentissimo, «*ex-libris* de fuão» (pondo um traço), comete grande absurdo, porque *ex-libris* já não significa «da livraria», significa unicamente uma fórmula, ou um papelinho em que ela se estampou. Idêntico absurdo cometeria quem escrevesse «*avemaria* (ou *ave-Maria*) cheia de graça», porque se designava que era cheia de graça a oração, e não a Virgem Maria.

A par com *ex-libris* dizem alguns individuos *super-libris*, entendendo por esta expressão a fórmula da posse, quando gravada externamente na capa superior do livro, ou em ambas as capas, ou na lombada.

Em primeiro lugar notarei que *super-libris*, como latim, contém dois erros: um de lógica, porque devia ser *super-libro*, visto que a fórmula se applica individualmente a cada livro, e não a um grupo (diz se *sobre-loja*, *sobre-mesa*, e não *sobre-lojas*, *sobre-mesas*, a não ser que se fale no plural), outro de gramática e estilo, visto que *super* com ablativo significa na prosa classica «a respeito de», e sómente nos poetas se applica a lugar: por tudo o que fica exposto, o correcto seria *super-librum* ou *super librum*, e não como fazem; cfr. *super telum subiectum pedibus* em T. Livio, VIII, 9, e no proprio latim ecclesiastico *super hanc petram* em S. Mateus, XVI, 18.

Em segundo lugar *super-libris*, como expressão corrente, contém ainda outro erro logico, porque numa partição os membros devem ser paralelos entre si, isto é, da mesma natureza: ora não existe paridade nenhuma entre *super-libris* e *ex-libris*, pois que a

segunda expressão significa «proveniente da livraria», e a primeira significa «a respeito dos livros» ou poeticamente «sobre os livros».

Quem quiser exprimir a ideia que erroneamente exprime por *super-libris*, exprima-a de outro modo, v. g. por «*ex-libris* exterior», já que o chamado *super-libris* é na verdade *ex-libris*.

Tambem ha individuos que ao *ex-libris* exterior chamam *super-libros*. Esses não erram no emprêgo syntactico da preposição, mas cometem os mesmos erros de logica que os partidarios do *super-libris*.

Sendo destinado este fasciculo do *Boletim* da nossa Associação a festejar o 50.^o aniversario da fundação d'ela, dedico o meu artigo á memoria do fundador — **Possidonio da Silva** —, que com o seu amor á patria e ás sciencias historicas, e com tenacidade nunca esmorecida, e por isso digna de todo o aplauso, fez que se criasse entre nós um nucleo de estudos archeologicos, d'onde tantos frutos tem saído até hoje.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Um monarcha portuguez protector da Archeologia

Na ocasião em que a Associação dos Archeologos celebra o aniversario da fundação, é de toda a oportunidade lembrar quaes foram as primeiras providencias tomadas em Portugal pelo Estado para resguardar de perda os monumentos archeologicos, quaes as individualidades que as ordenaram e a que motivos estas obedeceram.

Numa epoca em que dominam medicos e advogados, profissionaes que só olham o presente, é difficil que o estudo do pas-

sado se mantenha como outr'ora e muito mais ainda que se profunde.

A um dos duques de Bragança se deve a conservação de algumas lapides consagradas a Endovelico por as fazer conservar num dos conventos de Villa Viçosa, e a um soberano d'aquella raça se deve tambem a primeira lei protectora dos monumentos nacionaes.

Foi a referida lei promulgada em 28 d'agosto de 1721, e da execução d'essa providencia devia aproveitar a Academia Real da Historia Portugueza, predilecta criação do opulento D. João v. Disponha-se nella que ninguem desfizesse edificios do tempo dos fenicios, gregos, romanos, etc., nem estatuas, marmores e cipos com figuras ou letreiros fenicios, gregos, romanos, goticos e arabicos, nem laminas de qualquer metal, nem medalhas ou moedas anteriores ao reinado de D. Sebastião.

D. João v, não obstante a inclinação que tinha para as letras e para as sciencias e artes, a qual não era platonica, porque muito aproveitaram dos ilimitados recursos de que dispunha o rei Fidelissimo, é um dos soberanos portuguezes mais violentamente censurados. As acusações feitas denotam da parte dos que as forjam mais o desejo de amesquinhar o valor do rei, do que pôr só em relevo alguns erros por ele cometidos. Em toda a obra de depreciação do reinado joanino sente-se o fim de elevar a administração de Pombal a grande altura; pois, se de facto se descrevessem os meritos reaes d'aquelle reinado como deviam ser, as reformas do Marquez perderiam o brilho que estamos habituados a ver e que automaticamente nós tambem admiramos.

Assim, o realce da figura do ministro de D. José traz consigo naturalmente a depressão dos reinados, entre os quaes se coloca a epoca josefina.

Para quem se puder afastar de todas as inspirações sectarias, a comparação dos dois reinados faz modificar a opinião classica e secular da superioridade do periodo de 1750 a 1777 do de 1706 a 1750. O que tornou notavel a administração pombalina foi a execução de elevados nobres, a expulsão da Companhia de Jesus e a reconstrucção de Lisboa. São estes tres factos os historicamente interessantes, tudo o mais encontra parceiro no reinado de D. João v com a administração do Marquês, que não era nem um genio nem um individuo de grande illustração.

Os tres reinados que enchem todo o seculo xviii tiraram, porém, o seu alimento e o seu fausto da escravatura, que então se desenvolveu prodigiosamente. Os montões de ouro que as naos despejavam nos caes de Lisboa, com os quaes se construíram os mosteiros de Mafra e da Estrela, o aqueducto das Aguas Livres e as ruas da baixa de Lisboa, foram adquiridos com o sangue de uma raça inferior e indefesa.

Os ministros de D. João v, D. José i e D. Maria i procuraram sempre egualar Portugal com os outros povos, mas nenhum como Pombal soube adquirir tantos bens no meio das suas ruidosas reformas.

O Marquez applicou-se a desenvolver a instrução nos trez graus, consequentemente com o temperamento pratico e utilitario que o dominava, como se observa na reforma da Universidade e na criação de aulas de primeiras letras. Mais ideal era o seu intimo, o erudito Cenaculo, depois arcebispo de Evora e fundador do Museu Archeologico naquela cidade e pouco do agrado da curia Romana.

D. João v era mais ideal do que o ministro de seu filho e ao criar a Academia de Historia bem o mostrou, não lhe dando edificio proprio, nem lhe garantindo o futuro com a concessão de apanagios, ao invéz de Pombal com o Collegio dos Nobres. Estudos valiosos se devem á Academia de Historia que tinha ao seu dispor uma imprensa dirigida por habéis artistas estrangeiros que El-Rei chamara a Lisboa.

Contesta-se ao Rei o interesse pessoal pelos estudos e atribuem-se á imitação de Luiz xiv todos os seus actos, arguição que se pode tambem fazer a Pombal até na politica religiosa, simples imitação dos principios febronianos, publicados anonimamente por um principe ecclesiastico alemão que reclamava para os bispos os poderes do Papa.

Quem ler a correspondencia diplomatica da primeira metade do reinado de D. João v encontrará noticia de numerosas encomendas de livros que o monarca fazia, principalmente em França e na Belgica. As copias de manuscritos para a Bibliotheca Real, desgraçadamente destruida pelo terremoto de 1755, repetiam-se a todo o instante. No seu tempo se fez a *Symmicta Lusitana*, compilação de documentos dos archivros secretos de Roma, que hoje

enriquece a Bibliotheca da Ajuda e sobre o valor da qual Alexandre Herculano emittiu uma escala de juizos que vae do maximo ao minimo. Ao lado dos livros e copias de manuscritos o monarcha deleitava-se tambem com as gravuras.

Mapas geographicos e aparelhos de fisica e de astronomia davam entrada no Paço remetidos pelos seus embaixadores.

O desgraçado inventor P.^o Bartholomeu de Gusmão foi um dos seus favoritos, até que por um accidente ainda hoje ignorado, mas que nada terá com os trabalhos scientificos, teve de se expatriar.

As leves menções que faço devem levar a convencer o leitor de que D. João v é uma figura muito diversa da representada nas novelas e nos livros de historia e que ele se eleva por cima dos outros reis da sua raça.

Na occasião pois do quinquagenario da fundação da Associação dos Archeologos Portuguezes acho conveniente que seja lembrado o nome do faustoso rei que procurou salvar da ruina os monumentos das eras passadas, não me atemorizando de tomar sobre mim o encargo de faze lo.

PEDRO DE AZEVEDO.

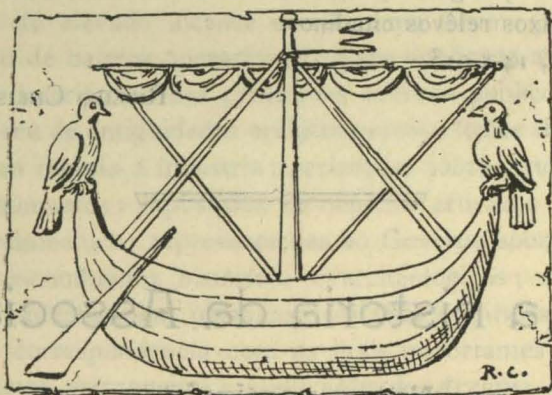
Um brazão archaico de Lisboa

Nas minhas deambulações pela cidade, que tanto admiro na sua bela disposição e no seu pitorêscó quasi sem rival, prendem-me sobre maneira a atenção todos os seus antigos motivos decorativos, coévos de passadas gerações, que atestam os decorridos séculos da sua gloriosa existencia á beira do majestôso Tejo, em que se reflecte.

Transitando ha pouco pelo quasi transformado Largo do Andaluz, com prazer deparei com uns baixos relevos heráldicos de

notavel archaismo, figurando um deles o lendario navio representativo da cidade de Lisboa, talvez o mais antigo que exista-esculpido.

Um vasto tanque se encosta a um muro e sobranceira se ergue ainda uma empêna com janelas gradeadas, — restos do demolido convento de Santa Joana —; é nesse muro que existe a ingenua esculptura em baixo relevo de uma caravela, ou batel, pois só um mastro se vê seguro por estilizadas cordas, para a frente e para traz, tendo na gávea uma vela risada; no topé vê-se disposta, em rigida posição horisontal, uma flamula trifarpada e um rêmo ou talvez uma espadela, prende-se-lhe á ré.



No extremo de duas prôas recurvas poisam os dois corvos da lenda de S. Vicente, voltados simetricamente para dentro da nave, um á prôa, outro á pôpa, estas iguais de forma como digo e tres sulcos longitudinais definem em sintese o arcabouço de madeira da embarcação.

Ao lado noutra placa uma inscripção de caractéres góticos, diz-nos na parte legivel que, «em 1374 o concelho da cidade de Lisboa mandou fazer a fonte», o que corresponderia ao reinado de D. Fernando I, nome que parece tambem ler-se.

Sobrepuja estes archaismos um escudo de Portugal, tendo treze castelos em volta, com as cinco quinás, duas das quais horisontais, — como era uso na 1.^a, e parte da 2.^a dinastia —, que tem

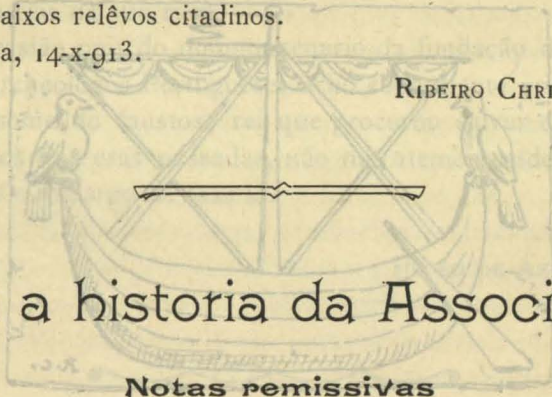
a curiosidade de terem nove *dinheiros* ou *arruelas* em cada quina, em vez das cinco da lenda.

Agora que o Arco de D. Fernando I em Santo André foi destruído, pela malfadada razão de melhoramento de viação; seria prudente que estas interessantes reliquias de igual época fossem recolhidas — principalmente o navio e o braço, no Museu Histórico do Carmo, já para poupar seu desaparecimento ante o camartelo demolidor, que anda próximo ao muro onde existe, já para o estudo de formas navais arcaicas.

Gentilmente convidado a escrever algumas linhas para o boletim comemorativo do 50.º aniversário associativo, a essa honra correspondo exarando neste artiguinho a opinião e alvitre acima relatado e a que gostosamente junto o desenho de um d'aqueles vetustos baixos relêvos citadinos.

Lisboa, 14-x-913.

RIBEIRO CHRISTINO.



Para a historia da Associação

Notas remissivas

Tres alvarás relativos aos seus Estatutos e o diploma em que a assembleia geral lhes deu nova fôrma, marcam outros tantos periodos de que resultou progressiva actividade na existencia da Associação que celebra agora o seu jubileu. Daquelles documentos tem o primeiro a data de 15 de Fevereiro de 1864 e autorisou a a reger-se sob o titulo de *Associação dos Architectos Civis Portuguezes*; o segundo, de 14 de Novembro de 1872, conferiu-lhe a denominação de *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*; o terceiro é de 30 de Setembro de 1879; e o quarto, approved nas sessões de 3 e 12 de Junho de 1909, substituiu aquelle titulo pelo de *Real Associação dos*

Archeologos Portuguezes; passando esta, desde a implantação da Republica entre nós, a intitular-se simplesmente *Associação dos Archeologos Portuguezes*.

No «periodo da sua fundação» — 22 de Novembro de 1863 — por iniciativa do architecto da Casa Real Joaquim Possidonio Narciso da Silva, a quem se aggregaram João Pires da Fonte e José da Costa Sequeira, professores de architectura da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa; Feliciano de Sousa Corrêa, Paulo José Ferreira da Costa, Valentim José Corrêa, Verissimo José da Costa e Manuel José de Oliveira Cruz, architectos da Repartição de Obras Publicas; Lucas José dos Santos Pereira, Joaquim da Costa Lima, Manuel José Carneiro, João Maria Feijó e José Luiz Nogueira, discutiram-se e votaram-se propostas que se traduziram em factos de elevado alcance social, como foram: projectos de construcção de bairros operarios; hygiene applicada á edificação; memorias descriptivas dos principaes edificios publicos; creação de um museu de antiguidades architectonicas; lições de chimica e physica com relação á industria; prelecções sobre historia da arte e dos monumentos; exposições de objectos artisticos e de projectos de architectura; representações ao Governo sobre a conservação de monumentos historicos e archeologicos; concurso ás exposições internacional portuense em 1865 e universal de Paris em 1867; correspondencia com as mais importantes sociedades de architectos estrangeiras; publicação do *Archivo de Architectura Civil*, de que saíram dez numeros collaborados por Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, Francisco José de Almeida, Ignacio de Villena Barbosa, João Maria Feijó, J. J. Marques, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, José da Costa Sequeira, José Maria da Silva Leal e Paulo José Ferreira da Costa.

Com estes dez numeros saíram as seguintes estampas: — Planta geral, palacio e convento de Mafra. — Planta terrea e fachada principal do projecto do novo Erario que devia ser edificado em Lisboa em 1789. — Planta geral do primitivo projecto do Paço da Ajuda. — Planta geral e córtes transversal e longitudinal de um edificio para banhos em Lisboa. — Carceres da inquisição de Lisboa e palacio do Inquisidor Geral. — Sarcophago do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. — Desenho da casa

modelo para as 120 escolas de instrucção primaria «Conde de Ferreira».—Objectos archeologicos expostos no Museu do Carmo.—Planta geral do palacio da Inquisição de Lisboa.—Pulpito da igreja de Santa Cruz de Coimbra.—Machado de bronze.—Monumento de D. Maria I.

No «segundo periodo», a Associação responde a consultas sobre restauração de varios edificios e valor archeologico de objectos achados; manda cunhar medalhas de cobre e de prata destinadas a galardoar architectos e archeologos distinctos; prosegue nas suas diligencias para enriquecer de preciosidades archeologicas o Museu do Carmo; concorre á Exposição Universal de Philadelphia em 1875 e á de Paris em 1878; faz-se representar na reunião dos archeologos em Guimarães para estudar as explorações de Citania; trata da proposta para ser nomeada uma commissão composta de architectos e archeologos que, num mappa de Portugal, indicasse, por meio de signaes convencionaes, o local, a quantidade e importancia dos edificios publicos nacionaes; auctorisa despesas com excavações no Monte de Santa Luzia em Vianna do Castello; e inicia a publicação da 2.^a série do seu jornal com a denominação de *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, que teve começo em 1874, sendo Possidonio da Silva quem por muito tempo obteve meios para a sua publicação. Foi primeiramente seu redactor o conselheiro José Maria da Silva Leal, que, por incommodo de saude, houve de ceder o logar ao conselheiro José Silvestre Ribeiro, seguindo-se-lhe poucos annos depois Joaquim Possidonio da Silva até ao fim da série.

O «terceiro periodo» offerece-nos uma successão de resoluções que bem demonstram que a Associação se tem esforçado sempre por corresponder ao seu programma.

Representa ao governo sobre a necessidade de adoptar providencias para evitar a má construcção de edificios e conservar os que tivessem caracter monumental.

Em 1880, tomando parte no Congresso Archeologico, que se

reuniu na capital, recebe no Museu do Carmo a visita dos sabios congressistas estrangeiros, como ficou assignalado numa lapide commemorativa ali existente.

Em conformidade da portaria de 24 de Outubro de 1880, do Ministerio das Obras Publicas, nomeou uma commissão encarregada de indicar ao governo quaes os edificios que deviam considerar-se monumentos nacionaes. Esta commissão, que se compunha dos socios conselheiro José Silvestre Ribeiro, presidente, general Antonio Pedro de Azevedo, secretario, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, Valentim José Corrêa, vogaes, e Ignacio de Vilhena Barbosa, relator, concluiu os seus trabalhos, apresentando um valiosissimo relatorio que foi approvedo pela Assembleia geral de 30 de Dezembro daquelle anno e está publicado no *Diario do Governo* e no *Boletim* da Associação. Distribuiu-se em separata de alguns centos de exemplares.

Tambem a Associação concorreu á Exposição d'arte ornamental em 1881.

Offereceu 468 numeros da 2.^a série do *Boletim* ás Camaras Municipaes que instituiram bibliothecas populares.

Abriu concurso de memorias descriptivas ácerca da architectura dos edificios de Portugal e da comparação dos seus monumentos megalithicos com os das outras regiões, estabelecendo premios de medalhas de prata e de bronze ás mais classificadas. Eguualmente abriu concurso para um vocabulario de termos de architectura.

Occupou-se de uma proposta para que nos letreiros das ruas se mencionassem adeante dos nomes dos homens illustres escolhidos para as designar, os factos que mais conhecidos tornaram esses nomes.

Officiou aos prelados para promoverem o ensino da architectura religiosa nos seminarios.

Realisou uma excursão ás ruinas de Cetobriga e ás tres grutas da quinta do Anjo, proximo de Palmella.

Tratou largamente da questão das habitações economicas.

Respondeu, entre outras, a uma consulta sobre os *torques* achados em Almoester e deu incitamento a um notavel estudo: Casas memoraveis.

Na sua insistente propaganda para a conservação dos monumentos nacionaes, expediu circulares em que este assumpto era calorosamente recommendado a todas as corporações e entidades que nelle podiam interferir. Mais tarde renovou o seu pedido, tornando o extensivo ás Camaras Municipaes, com especial referencia á conservação dos pelourinhos e cruzeiros. As respostas a todas estas instancias formam um importantissimo *dossier*, que está publicado no *Boletim* e de que deu conhecimento ao Conselho dos Monumentos Nacionaes para proceder como lhe parecesse conveniente a fim de não ficarem infructiferas tantas diligencias.

Reorganizou a sua Bibliotheca, em que figuram mais de mil volumes de publicações sobre architectura, archeologia e outros ramos dos conhecimentos humanos, segundo se vê do catalogo e relatorios elaborados pelo socio benemerito sr. Visconde da Torre da Murta.

Franqueou a admissão no Museu a todas as corporações que para seu estudo a solicitassem e, em commemoração patriótica da batalha de Aljubarrota, cuja victoria foi devida ao fundador do convento do Carmo, determinou tambem que no dia 14 de Agosto não se exigisse aos visitantes o pagamento de bilhetes de entrada.

No «quarto periodo» continúa a accentuar-se o firme proposito de cuidar desveladamente da conservação e estudo dos monumentos.

Publica um numero especial commemorativo do centenario do eminente historiador Alexandre Herculano. Foi collaborado por Sousa Viterbo, Cunha Brandão, Mêna Junior, Leite de Vasconcellos, Matos Sequeira, Brito Aranha, Gabriel Pereira, Conde de Sabugosa, Jordão de Freitas e D. José Pessanha.

Consegue melhoramentos na sala da Bibliotheca, mandando o Ministerio do Fomento construir amplas estantes que facilitam a collocação methodica dos livros e publicações periodicas.

O governo provisorio da Republica decretou, na Reorganisação dos serviços artisticos e archeologicos, que um delegado desta Associação seja vogal da Commissão de Monumentos da primeira circumscrição (Lisboa).

Distinguem-se pelos seus trabalhos as secções de Heraldica, Archeologia, Paleographia, Epigraphia e Diplomatica, que fizeram distribuir no paiz diversos questionarios concernentes aos estudos de cada uma; e a secção de Archeologia Lisbonense, que está reunindo elementos para a proxima Exposição no Museu do Carmo.

Recorrendo ao indice (1) especial de 84 estampas, gravuras e photographias, publicadas nos tomos I a VI da 2.^a série do *Boletim*, vemos que os auctores dos artigos que as acompanham, foram: Sá Villela (José Maria da Silva Leal), Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Sebastião Estacio da Veiga, Arthur de Marsy, M. M. Bordallo Pinheiro, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, Cesario Augusto Pinto, D. Rodrigo Amador de los Rios, Francisco José de Almeida, Visconde de S. Januario, Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Jayme Cesar de Figanière, Gabriel Pereira, M. Velasco y Santos.

Posteriormente, em 1894, assumiu Gabriel Pereira a direcção do *Boletim*. Desde o tomo VII até ao 1.^o numero do tomo XIII, publicaram-se 203 estampas e photogravuras, que representam: Uma vista antiga de Citania. — O collar da Penha Verde. — A empreza da infanta D. Brites. — Os fragões de S. Pedro do Valle de Nogueiras. — Pelourinho do Fundão. — Portas romanas de Beja. — O satyro da fonte de S. Domingos de Bemfica. — Ruinas de Cetobriga (Troia) perto de Setubal. — Torre dos Coelheiros. — Antiguidades de Monomotapa. — Charles Garnier. — Igreja dos Templarios segundo a illuminura dum pergaminho existente na Torre do Tombo. — O côro do convento de Christo em Thomar. — Monumentos archeologicos de Chellas. — O Museu archeologico do Carmo. — O padrão de Thomar. — Pelourinho dos Arcos de Val-de-Vez. — Um monumento bysantino em Portugal (Igreja de S. Salvador de Montelhos). — A casa onde falleceu Bocage. — Projecto da medalha commemorativa do 25.^o centenario da Associação. — Cruzeiros notaveis. — Ermida de N. Sr.^a da Pureza em

(1) Impresso no t. x. 4.^a série, n.^o 1, pag. 146 a 148.

Lisboa.—Um esboceto de Vieira Lusitano.—A infanta D. Maria e o seu hospital da Luz.—O pelourinho de Cintra.—Pelourinho de Paredes de Coura.—Pelourinho de Turquel.—Possidonio da Silva.—A capella real e a igreja parochial na Ajuda.—Casa onde habitou Alexandre Herculano.—Igreja do Espirito Santo em Aldeia Gallega do Ribatejo.—Monumentos egypcios.—Noudar.—Adolpho Ferreira Loureiro.—Os paineis de Nuno Gonçalves.—Busto do Dr. Sousa Viterbo.—Cruzeiro do Carmo em Lisboa.—Gabriel Pereira.—O mosteiro da Sub-Serra da Castanheira.—Dr. Sousa Viterbo.—A tenção de D. Duarte.—Monumentos referentes ás divindades históricas Arentius e Revalanganitaecus.—Capella mór de Santa Maria de Belem.—Presepios da Estrella e da Sé.

Auctores dos artigos referentes ás mencionadas estampas e photogravuras: Adães Bermudes, Ernesto Loureiro, Ascensão Valdez, Gabriel Pereira, Dr. Felix Alves Pereira, Ernesto Korrodi, João Carlos d'Almeida Carvalho, Antonio Cesar Mêna Junior, Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, Dr. Alfredo Elviro dos Santos, Victor Ribeiro, Manuel da Cunha Brandão, Sebastião da Silva Leal, Jordão de Freitas, Dr. Arthur Lamas, João Verissimo Mendes Guerreiro, Gustavo de Mattos Sequeira, Visconde da Torre da Murta, D. José Pessanha, Nogueira de Brito, Santos Ferreira, Garcez Teixeira.

Exposições em que tem sido premiada a Associação: Porto, 1865; Paris, 1867; Philadelphia, 1876; Barcellona, 1888; Lisboa (Associação da Imprensa Portugueza), 1898.

Como homenagem ao elevado merito artistico e archeologico dos seus socios ou recompensa dos bons serviços por elles prestados á Associação, tem esta concedido varias distincções. Das mais elevadas, mencionaremos as seguintes:

Bustos do Presidente Honorario, D. Fernando II, o *Rei Artista*, e do Dr. Sousa Viterbo.

Retratos sobre t ela: D. Pedro II, do Brasil; Possidonio da Silva, João Pires da Fonte, João Maria Feij o, Manuel José de Oliveira Cruz, Verissimo José da Costa, Joaquim da Costa Lima, Lucas José dos Santos Pereira, José da Costa Sequeira, Dr. Augusto Filippe Simões, Feliciano de Souza Corrêa, Ignacio de Vilhena Barbosa, José Silvestre Ribeiro, Conde de S. Januario, Valentim José Corrêa e Joaquim José da Nova.

Retratos em papel: Conde de Lavradio, Francisco José d'Almeida, Victor Baltard, J. Leliman, Arcisse de Caumont, Conde Gozzadini.

Em 14 de Junho de 1876, medalhas de bronze aos Drs. Augusto Carlos Teixeira de Aragão e Augusto Filippe Simões;

2 de Maio de 1879, 22 de Novembro de 1881, 20 de Setembro de 1885, 2 de Dezembro de 1888, medalhas de prata a Carlos Ribeiro, Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, Gabriel Pereira, João Maria Feij o, Joaquim de Vasconcellos, Lucas José dos Santos Pereira, Cesario Augusto Pinto, Dr. Francisco Martins Sarmiento, Ignacio de Vilhena Barbosa, Conde de S. Januario, Antonio Francisco Barata, José Silvestre Ribeiro, Manuel Maria Rodrigues, D. Rodrigo Amador de los Rios, Visconde de Castilho (Julio), Bispo de Beja (D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro), Dr. Elmer Reynolds, Émile Cartailiac;

25 de Maio de 1893, medalha de cobre a Joaquim da Concei o Gomes;

17 de Junho de 1894, medalha de ouro a Joaquim Possidonio Narciso da Silva, e medalha de prata a Valentim José Corrêa;

4 de Abril de 1906, medalha de prata ao Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, cujo busto fundido em bronze e sobre um pedestal de marmore, se ostenta actualmente na sala principal do Museu do Carmo, tendo sido inaugurado na sessão solemne de 31 de Dezembro de 1911 (1), presidida pelo Ex.^{mo} Senhor Presidente da Republica, Dr. Manuel d'Arriaga.

O numero 8, t. XII, do *Boletim*, foi dedicado a esta comemora o, a Adolpho Loureiro e a Gabriel Pereira.

(1) Foi a Empresa do *Diario de Noticias* que fez as despesas com o busto e o pedestal, applicando assim o producto da venda do livro que mandou imprimir: — *Cem artigos de jornal* do dr. Sousa Viterbo.

Além das que ficam referidas, numerosas publicações teem sido editadas pela Associação e estão á venda no Museu, não se mencionando todas aqui, por brevidade; mas lembraremos a *Biographia de Possidonio da Silva*,⁽¹⁾ pelo socio Costa Goodolphim; *Elogio do Imperador do Brazil D. Pedro II*, pelo socio sr. Dr. Alfredo da Cunha; e o de Possidonio da Silva, pelo socio sr. Visconde de Castilho (Julio); *Museu Archeologico do Carmo*, pelo socio Gabriel Pereira; *Cruzeiros notaveis*, pelo socio Dr. Sousa Viterbo; *Catalogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo*, pelo socio sr. Dr. Arthur Lamas; *As Ruinas do Carmo*, pelo socio sr. Manuel J. da Cunha Brandão; *Catalogo do Museu do Carmo* (edição de 1892).

A *memoria historica da fundação, progresso e trabalhos da Associação*, desde a sua instituição até o 25.^o anniversario em 1899, encontra-se a pags. 67 e seguintes do *Boletim*, t. vi.

Uma synopse publicada no t. ix, n.^{os} 11 e 12; t. x, n.^{os} 1 e 2; t. xi, pags. 124 a 127 e 169 a 171, abrange compendiosas referencias; e as actas da assembleia geral, desde 24 de Outubro de 1897 até á de 8 de Maio de 1913, assim como os Relatorios do Presidente Possidonio da Silva e os do Conselho Director elaborados pelos socios srs. Visconde da Torre da Murta e D. José Pessanha, que o leitor póde ver tambem no *Boletim*, conteem preciosos subsidios para o estudo de variados assumptos de arte e archeologia e do que se refere propriamente á Associação.

R. D.

(1) Vejam-se artigos biographicos a respeito de Possidonio da Silva no *Diccionario bibliographico portuguez*, t. iv, 149, e xii, 136; *Diccionario Portugal*, vol. vi, 899; e no *Boletim* desta Associação, t. vii e x, pelos socios Gabriel Pereira, Caetano da Camara Manuel e Visconde da Torre da Murta.